1.º Anno
N.º 11

Revista quinzenal illustrada
Litteratura e critica

ALA-MODERNA

Redacção, administração e typographia
R. de Payo Galvão—Typ. Minerva Vimaranense

Editor responsavel
Antonio de Castro Martins

Guimarães, 20 de Dezembro de 1903

Proprietario e administrador
Antonio Dantas

ALBINO FORJAZ DE SAMPAYO

Critica

Sol, por ALFREDO GUIMARÃES. Guimarães, M.CM.III.

Alfredo Guimarães

Guyau, o pensador tão prematuramente fallecido, o extraordinario auctor de «*L'Irreligion d'Avenir e L'Art au point de vue sociologique,* e Poë, o nervoso Poë da minha admiração, lograram definir a Poesia numa justeza de linhas, numa acuidade de pensamento que, até então, nem o criterio frio dos philosophos, nem o sentimento dos poetas soube vestir e egualar. Para Guyau o verso é «a forma que tende a tornar commovido todo o pensamento.» Para o auctor do *Corvo* a poesia é sómente «the rythmical creation of Beauty».

No seu modo de ser, abstracto, a de Poë, de linhas mais amplas e mais classicamente visionadas, satisfaz melhor que a do philosopho francez.

Foram estas que, depois de folheadas algumas theorias de esthetica, melhor ou peor fundamentadas, me quedaram mais fundo, e me deram a noção positiva e exacta do que eu procurava. Nem aquelle livro de Mario Pilo «*Psychologie du beau et de l'art,* nem aquelle outro *Essai sur l'art contemporain,* de Fierens Geráert, ao depois, me deram satisfatoriamente a de Belleza. Essa, aquelle soberbo de Veron, *Esthetique,* e os de Hartmann, meu philosopho por excellencia, deram-m'a bem, ou pelo menos com ascendencia inquestionavel sobre os tratadistas do assumpto. Para Hartmann, e com elle penso eu, a Belleza é o resultante do poder creador do artista que deu á cousa sobre que se exerceu a sua acção, a *apparencia* que, depois, nos emociona, suggestiona e attrahe. Esta transfiguração sagrada e luminosa tem sobretudo que ser harmonica e commovida.

Todas estas considerações me suggeriu o livro de Alfredo Guimarães, que aqui tenho perto, sobre a minha meza.

Alfredo Guimarães appareceu, ha tempos, dirigindo uma revista onde traçava umas prosas que já antevisionaram um bello cinzelador do periodo e um largo e afinado temperamento de artista.

Tinha por vezes, no filigranar da adjectivação, uma nota original, pequenina e polida, d'uma bizarria agradavel que me encantou.

Está claro que num principiante isto era muito. Agora, o seu livro veio deixar-me esta agradavel impressão, de que elle, se não é grande é todavia bom.

Arredio dos aromas fortes que embebedam é fragil no fundo, que é quasi ba-

nal. Porém o poeta roupou a emoção de uma forma tão subtilisada, quintissenciou tanto o rendado do seu verso, que fez um poemasinho fino e complicado, muito atavioso, muito aristocrata, num descuido que por vezes destôa e outras vezes parece que os seus versos são todos feitos de seda amarrotada. Foi este desbastar de emoção em proveito da *factura* que lhe deu um ar, que tem o seu não sei quê de frieza. Esta arte atormentada e perseguida que na sua prosa lhe estabelece uma harmonia especial muito cantante e apreciada, nunca poderá fazer palpitar o verso.

Ficará sempre como aquellas mulheres altivas, que teem sobre a carnação esplendida umas esplendidas roupagens, mas que se conservam sempre, glaciaes e serias.

Em Alfredo Guimarães, estou certo d'isso, são raras as grandes tempestades nos seus nervos. Quando vibram é docemente, lyricamente, um lyrismo requintado e complicado, que parece que este seu livrinho foi feito com uns nervos de velludo, tão fino e tão sensitivo elle é.

Ai Duqueza, Duqueza, o mimo do teu leito!...
Teu pequenino pé tão lyrico de graça...

Por tudo isto, se elle, como coração, é pequeno, talvez pela pouca margem que lhe dá o thema, como arte é d'aquelles que marca um solido prenuncio de affirmações sadias para o nome que teve a ventura de o assignar.

O livro traz um prefacio de Arnaldo Pereira, o nosso conhecido e querido poeta, em que elle deduz logicamente algumas sensatas considerações sobre a geração. Sobre isso nada digo porque não dei fé d'ella existir, eu, que leio quasi tudo que é dos outros.

D'esses alguns me ficaram mais presentes, porque o seu valor é para mim consagrado, e eu consagro os meus consagrados, ás vezes, por uma pagina só, que me agradou.

(D'*A Chronica*).

ALFREDO GUIMARÃES

Eça de Queiroz

A' sombra triste e macia d'uma palmeira virgem, sonha e vive, na divina espiritualidade de que um esculptor soube animar um bloco pallido e inconsciente de Carrára, a figura magra e mordente d'esse que, numa pequena serie de volumes, escalpellisou uma sociedade ridicula, affirmando-se o primeiro romancista portuguez.

Lá está num canto frio da Lisboa perfumada a cravos loiros e alecrim do norte...

Inclina a fronte cançada no dandysmo correcto e luxuoso da sua prosa, sobre a carnação radiante e forte da Verdade que Elle tanto amou na sua viagem ironica atravez da vida official e elegante da população lisboeta, e nas phantasias doiradas e mordidas das suas paginas, que, na *Reliquia*, têem a mais forte explosão de encantos na devota e obscena romaria do bacharel Raposo, pela paysagem cinzenta e desolada da biblica Jerusalem religiosa.

Teixeira Lopes comprehendeu divinamente a obra forte e delicada do Mestre; e fica consoladôramente bem na apotheose espontanea e honrosa a Eça de Queiroz, esse marmore molle e quente das mãos sagradas d'um Artista egual, a affirmar com orgulho aos que vierem, a renascença artistica dos nossos dias, na figura pallida e fatigada do romancista illustre.

*

Estranha geração a d'Elle!...

Ella podia, com seu magestoso encyclopedismo intellectual, affirmar a gloria litteraria d'uma nacionalidade. Ha d'ella trabalhos d'uma divina escultura espiritual: *Os Sonetos* de Anthero, a *Historia da Republica Romana* e *Os Filhos de Dom João I* de Oliveira Martins, *A Hollanda* de Ramalho Ortigão, *A Morte de D. João* e *Os Simples* de Junqueiro, o *Campo de Flôres* de João de Deus, as *Claridades do Sul* de Gomes Leal, a *Historia do Theatro Portuguez*, as *Modernas ideias na litteratura portugueza* e o *Garrett e o Romantismo* de Theophilo Braga, *A cidade do vicio* e a *Lisboa galante* de Fialho d'Almeida — e muitos mais d'essa galeria explendida de escriptores d'uma tempera d'aço, e do brilho caro do puro oiro de lei. A actividade de todos rasgou horisontes longos e extraordinariamente admiraveis em todos os generos litterarios — na poesia, no romance, na historia, na sociologia, nas viagens, na critica, emfim num verdadeiro cosmopolitismo artistico que doira as paginas longas da Historia da Litteratura Portugueza.

*

A manifestação lisboeta ao Mestre tomou um aspecto inteiramente opposto ao que se tinha esperado. Foram lá os amigos intimos de Eça de Queiroz e os admiradôres da sua Obra prodigiosa. Se a intelligencia de todos elles recordava as suas paginas d'uma candidez artistica, os corações commoviam-se ante a expontanea e brilhante manifestação ao fino espirito do Morto-Vivo, alli evocado na delicada e genial idealidade d'Arte, que um notavel esculptor da nossa terra, soube criar á luz do seu talento. Estavam lá os filhos, a esposa, a mãe e a irmã para, na magua immensa da perda d'aquelle altissimo coração, terem a alegria de que no seu lar, amou e soffreu, esse que é hoje uma das lidimas glorias do Portugal intellectual.

*

Julgo que já ninguem contesta a Eça de Queiroz a sua agitada reforma da sociedade portugueza, nem tão pouco a magnifica inoculação artistica da sua Obra no meio romantico e bucolico da nossa litteratura.

Vivem e viveram fortes e delicadas ao espirito de todos os homens, as delirantes explosões de ironia com que elle tornou malleavel o meio burguez, aspero e sisudo da sua incomparavel Lisboa.

O *Primo Bazilio*, *A Cidade e as Serras*, *A Reliquia*, *O Crime do Padre Amaro* e os contos *Adão e Eva no Paraizo* e *Um Poeta Lyrico*, que maior esforço será necessario para impôr e levantar em qualquer paiz um escriptôr?

Elle riu muito num riso que envelhece e tortura, porque, do minhoto sympathico e adolescente que escrevia em 1880 o *Primo Bazilio* — olhae! —, restava, no ultimo dia da sua Vida, um corpo cançado onde uma mascara vincada e doentia, que Teixeira Lopes tão bem reproduziu — vincada dos golpes do riso e doentia do enfado — era o annuncio luctuoso que o Homem caminhava para o poente da sua existencia, emquanto o Espirito — diamante puramente lapidado — seguia suave e perfeito pela Religião-da-Arte.

O *Cidade e as Serras* affirma-o.

Novembro de 1903

CONDE DE ARNOSO

A guitarra do Braz

(Conclusão)

No entretanto o Braz, dominado pelo *faia*, que o levara a roubar a avó, sem nunca desesperar de encontrar a Gertrudes, foi-se pouco a pouco habituando á vida desregrada dos fadistas com que convivia. Aprendera a tocar guitarra tornando-se completo no genero, e o seu nome depressa ganhou celebridade no Bairro Alto, a ponto de nas tabernas e nos cafés baratos se discutir apaixonadamente se era elle se o *Calcinhas* quem melhor tocava o fado corrido. Nas esperas de toiros, á noite, no Campo Pequeno, illuminado pelas luzes das lanternas das typoias, que num gyro intermittente lhe davam o aspecto d'uma campina enorme, coberta de pyrilampos, era sempre em volta d'elle que se reunia a mais fina sociedade. E era d'ali que os rapazes do Chiado o levavam para as suas ceias de estroinas.

Cantava muito bem e tinha, como poucos, o dom de improvisar. Os seus fados, sempre tristes, ajustavam-se numa grande harmonia com o soluçar dolorido da sua guitarra. Quando tocava, chegava mesmo a esquecer a Gertrudes, ou antes afigurava-se-lhe que saciava a sua paixão, e, cerrando os olhos, cuidava vel-a, ao seu lado, embebida na sua alma que lhe sahia em versos, as mais das vezes errados! Era a guitarra que o consolava de todas as suas penas. Se se lembrava da avó, da vida tranquilla que passara ao seu lado, agarrava na guitarra e principiava a cantar. A's vezes, perseguido pelo remorso, tinha vontade de ir ter com a madrinha, ou pelo menos ir até Alcantara procurar saber o que seria feito d'ella, mas acovardava-se com medo das lagrimas da velha, e demais sentia que já não tinha forças de abandonar a vida aventurosa em que se lançara. Aquillo tambem havia de durar pouco, andava adoentado e sorria-lhe a ideia de morrer um dia, de repente, no meio da fadistagem! Pouco a pouco, despresando todas as doenças que contrahira foi caindo num grande abatimento. Emmagrecera muito e sentia nas pernas uma invencivel fraqueza. Escondia dos companheiros o seu estado, e, para os acompanhar, fazia esforços terriveis.

Uma noite de grande fado no Dáfundo, quando se quiz levantar da cadeira onde toda a noite estivera a tocar, não pôde; era como se lhe pezasse sobre os joelhos o pezo de cem arrobas. Para o metterem na typoia que o trouxe para Lisboa, foi preciso pegarem-lhe ao cóllo. No dia seguinte levaram-no para o hospital. Atacado por uma paraplégia, saiu de lá ao fim de tres mezes numa cadeira de rodas, que com o producto d'uma subscripção os companheiros lhe compraram. Durante todo o tempo que esteve no hospital pensava muito na madrinha; e um dia em que o João, o toureiro, o foi visitar, pediu-lhe para ir saber novas d'ella. A' proporção que se julgava perdido, renasciam no seu coração todos os affectos carinhosos pela avó. Recommendou-lhe que, se por ventura fallasse com ella, lhe não dissesse o estado em que se achava; mas que a prevenisse que dentro em breve voltaria a ir viver para junto d'ella, "de onde nunca devia ter saido!„ accrescentava com os olhos de doente languidos e humedecidos! Quando o medico lhe annunciou que lhe ia dar alta, mandou chamar o João.

—A'manhã saio d'aqui; quero ir direito para casa da avó. Levas-me?

—Decidido.

—Entrouxa a roupa que eu tiver no quarto do Carêtas, e manda-ma hoje mesmo para Alcantara. A guitarra traz-ma. Apenas chegue á rua quero ver se ainda sei tocar. A caminhada é comprida; mais que a um moço de cego preciso de distrahir. Irei a tocar por essa Baixa fóra!

—Dentro em pouco estarás fino; a tua doença agora é o hospital. Fóra d'qui, verás como as pernas te principiam a dançar.

. . . . . .

A avó esperava anciosamente o neto. O João, ao annunciar-lhe a sua vinda, escondera-lhe a gravidade da doença.

—Uma fraqueza nas pernas, que ha-de passar; é questão de dias.

Tambem que lhe importava a ella! Ia vel-o, e isso era o essencial; não andava — melhor! Nunca mais lhe fugiria! Quando porém elle entrou, sentado na cadeira de rodas, impellida pelo toureiro, transfigurado pela doença, pallido, com a cara coberta de pustulas, um bigodinho petulantemente levantado dos lados; o cabello muito rareado, todo puxado para deante, apparecendo por debaixo do chapeu inclinado para o lado, de aba direita e muito larga com a copa muito baixa; a quinzena muito esticada e curta; as calças apertadas abrindo em baixo em bôcca de sino; abraçado á sua guitarra — a avó sentiu um baque, no coração... Como elle mudara! Nem parecia o mesmo.—Deante do toureiro, conteve-se; mas, apenas elle saiu, caiu de joelhos em frente da cadeira de rodas, e agarrando-se ás mãos do neto principiou a fazer-lhe mil perguntas sem nem sequer dar tempo a ouvir uma resposta. O Braz socegava-a — que nunca mais voltaria a abandonal-a. E, informado do novo modo de vida que a madrinha agora levava, accrescentou:

—Emquanto me não curo, aqui estarei mettido. Depois tambem hei-de trabalhar.

—Ficas tão só! Eu passo todos os dias fóra, em casa das minhas bemfeitoras.

—Tenho a minha guitarra; cantarei ao desafio com o canario.

—O canario?... — e a velha apontou, olhando com tristeza, para a gaiola de arame ainda suspensa da verga da janella, mas que uma enorme teia de aranha, muito suja de poeira envolvia agora assim como um fumo de luto com que a tivessem coberto!

Nas visitas que o toureiro fazia ao Braz, facil lhe foi conhecer que não era a abundancia e a fartura o que mais havia naquella casa. Arranjou então que elle fosse ás noites tocar para uma taverna da Rua de Alexandre Herculano, para servir de chamariz aos freguezes. O taverneiro fornecia-lhe em paga o almoço e o jantar de cada dia. Ao principio era a propria avó quem, ao recolher do trabalho, o conduzia até lá. Curvada, já meio tropega, tinha de parar de quando em quando para vencer as desegualdades da calçada, para evitar os solavancos, impellindo a cadeira de rodas docemente, como se levasse deante de si um carrinho com uma creança adormecida! O Braz affligia-se, sentindo atraz de si a respiração offegante da avó; conhecia o horror que ella tinha á taverna, o sacrificio que fazia em ser ella propria quem lá o levava; mas que fazer, se a taverna era agora o seu ganha-pão! Felizmente o taverneiro, descobrindo na guitarra do Braz uma verdadeira mina para sua casa, acabou por o mandar buscar todas as noites por um garoto que o servia. A doença, se não progredia, tambem não dava esperanças de cura. Todavia o Braz cada vez tocava melhor; dir-se-ia que toda a força, todo o movimento que a paralysia lhe roubara, se lhe concentrara nos braços e nas mãos. Comprimia e feria as cordas da sua querida guitarra com tal força e justeza, que as notas saltavam-lhe dos dedos vibrantes de nitidez. As horas passadas na taverna alegravam-no, sem comtudo conseguirem roubar ao seu canto a feição melancholica que lhe era prodominante. Quando a taverna regorgitava de freguezes, e se armava uma desordem, o taverneiro, pela banda de traz do balcão, fazia um signal ao Braz para apasiguar a baralha. Então, acompanhando-se na guitarra, o Braz levantava a sua voz dolente; e, pouco a pouco, como por emquanto, ao borborinho tumultuoso de muitas vozes fallando a um tempo, succedia o silencio de quem escuta. Em volta d'elle fazia-se um circulo que os mais afastados procuravam romper para melhor o ouvir. Serenada a tempestade, calava o canto; e, com a cabeça pendida sobre o braço da guitarra, executava ainda durante alguns minutos variações d'uma grande difficuldade sobre o mesmo acompanhamento. Uma noite em que elle, muito rodeado, cantava a glosa do seu fado favorito:

Ainda depois de enterrado
Debaixo do frio chão,
Teu nome escripto acharás
No meu terno coração!

dando a cada verso a expressão da mais infinda tristeza, entrou na taverna uma mulher calçada com botas novas, de biqueiras de polimento, pespontadas a branco, com tacões muito altos, arrastando a comprida cauda d'um vestido esfarrapado, com um lenço de seda amarello, já muito desbotado, na cabeça, um chaile preto, de velho merino, traçado por debaixo do braço, deixando a descoberto o seio, mal resguardado pela camisa. Dirigiu-se ao balcão, e, batendo fortemente com a mão espalmada, pediu dois decilitros, que bebeu d'um só trago. O Braz, em voz gemente, acabava a ultima decima:

. . . . . .
Porque a morte, nem o fado
Riscam teu nome gravado
No meu terno coração!

quando seus olhos, marejados pela commoção que sempre sentia ao repetir aquelle fado, se encontraram com os d'essa mulher que o fitava indifferente...

Angustiado, abafou com ambas as mãos as vibrações das cordas, fez um esforço enorme para se levantar da cadeira a que a doença o prendia; e impotente, soltou um grito dilacerante, ao mesmo tempo que fazia voar em estilhas a guitarra, quebrando-a de encontro ao braço da sua cadeira de rodas!

Levantou-se em toda a taverna um grande clamor. O taverneiro, vendo o Braz meio desfallecido, desviou os freguezes:

—Arrumem-se, homens; deixem-no respirar. Isto foi coisa que lhe deu.—E chegava-lhe ao nariz uma botija de vinagre. E ella, a Gertrudes, sem reconhecer no fadista estropeado o seu namorado de outro tempo, teve apenas esta exclamação:

—Olha o raio do homem que deu cabo da sanfona!

E saiu insensivel, tomando pela borda do caneiro, em cujas aguas se reflectia a sua imagem, repetindo numa toada alegre os versos que lhe tinham ficado:

Porque a morte, nem o fado
Riscam teu nome gravado
No meu terno coração!

A lua enchia de claridade o vale, recortando lá em cima, no cume da montanha, os jazigos e os cyprestes dos Prazeres. Do fundo lodoso do caneiro, prateado áquella hora, subiam vapores fetidos, pestilentes, nauseabundos, como se realmente as aguas do rio, em logar de contornar lá ao longe a montanha coroada pelo cemiterio, tivessem as suas nascentes ali, na decomposição dos cadaveres d'uma cidade inteira.

1.º Anno
N.º 12

Revista quinzenal illustrada
Litteratura e critica

ALA-MODERNA

Redacção, administração e typographia
R. de Payo Galvão—Typ. Minerva Vimaranense

Editor responsavel
Antonio de Castro Martins

Guimarães, 31 de Dezembro de 1903

Proprietario e administrador
Antonio Dantas

ADOLPHO PORTELLA

Maria do Rosario

Aos Arcos-do-Jardim — com o seu fogareiro de barro sempre acceso e sempre cheio de loiras castanhas — quedava-se dias inteiros, dias de chuva impertinente, a Maria do Rosario, uma trigueirita de olhos tristes.

Agitando o abanador de esteira, toda ella muito achegadinha ao lume — que o vento, alli, nos vãos da arcaria, é d'uma grande crueldade... — andava sempre á flôr dos seus olhos negros uma nuvem de tristezas, que se alongava, que se alongava, até fazer sombra nos que passavam rente d'ella... Só, de quando a quando, ao esvoaçar perto do seu cantinho alguma capa negra de estudante, parecia florir-lhe nos labios o botão d'um sorrizo; e apregoava então, na sua vozinha doce:

— «Quentes, senhor doutor...» —

E os estudantes, alheios áquella tristeza de alma que alli estava retratada nos olhos negros da castanheira — cabellos ao vento, gôrro á banda... — iam passando numa indifferença por junto d'ella, sem quasi um olhar de piedade pelos seus pés rôxos do frio e os seus olhos molhados do chorar...

Tambem, tanto se lhe dava á pobre da rapariga! — Quem para tristezas nasce, alegrias não no esperam... — E é que, naquelle ar recolhido de doença de alma, havia alguma coisa de indifferença tambem pelos que eram para ella indifferentes!... Soberbas talvez d'uma alma que se sente grande, vinda de muito alto, dos amores d'um Principe e mais d'uma Pastora... — E, de ahi, vim a pensar no Poeta que devia ter sido o Pae da Maria do Rosario.

Poeta, com certeza. Trovador da velha Coimbra, a beijar num vão de escada alguma fonteirinha linda do seu tempo!... Trovador de guitarra ao peito, gemendo serenatas ao longo do Caes, nas noites de frio Luar...

Nos olhos da castanheira andava ainda, pairando vagamente, um resto de melancolia trovadoresca, alguma coisa de chimerico que vinha em linha recta dos arroubos lyricos do Pae... Sonhos e aspirações, em rosario, a desfiarem-se, como lagrimas de orvalho ás madrugadas... Simphonias de beijos, numa levada de seda, entre maciesas de musgo, a escorregarem por ahi abaixo como um fio de mel... Ideaes de amor e folhas mortas na tisica dos Outomnos...—O olhar dos desgraçados é como as paisagens de novembro, sem aves nem murmurios de folhagem, num abandono desolador... E, quando as almas se debruçam nuns olhos assim, cuida a gente que vê nas grades d'um mosteiro rostos amargurados de monjas a mostrarem no sudario das suas lagrimas a elegia das saudades...

— «Quentes, senhor doutor...» —

*

Era exposta da Santa-Casa. Quando para lá entrou levava o seguinte enxoval: — dois farrapinhos por camisa, uma canastrinha por berço, e um bilhete no seio onde se lia: «Maria do Rosario».

Mais nada.

Mas, da humildade do seu nascer, a Maria do Rosario veio mais linda do que se viesse d'um leito real.

Toda a orphandade é credora de piedade, porque todos os orphãos são tristes. A Maria do Rosario, então, tinha ás vezes, a meio das suas dôres, um sorriso tão leve e tão sentido, que o proprio ar abaixava as suas ondas para que o não maguasse mais do que elle já vinha do coração d'ella.

Quando o vento cantava á tarde, nos Arcos-do-Jardim, açoitando as arvores nuas, a castanheira achegava-se muito ás brazas do fogareiro, e tinha para os que passavam um olhar de pobresinha que pede esmola, um olhar de desgraçada que pede perdão por nascer tão triste...

— «Quentes, senhor doutor...» —

*

D'uma vez, ao cair da noite, um estudante reparou nos olhos da Maria do Rosario. Reparou e sorriu-lhe... — Aquelle sorriso fez-lhe a ella, o salutar effeito d'uma caricia caída do Ceu, das azas d'um anjo. E achegadinha ao calor do fogareiro, os seus olhos sorriram tambem e logo se

abaixaram, receiosos de se queimar no lume que vinha dos olhos do outro...

Mas, ainda assim, o momento d'esse sorriso lhe bastou para que reparasse no cabello loiro, nas faces alegres, na linda maneira do estudante que lhe sorriu...

Devia ter uma bella alma, o dono d'esse sorriso! — Oh! como ella agradecia a Deus o ter topado, no val do seu deserto, com um coração assim, d'um estudante tão lindo, coração que rebatia ao sentir a tristeza resignada do coração d'ella!

«Meu amor é estudante,
Anda agora no latim!...»

As paisagens do Outomno eram agora enfeitadas a vivas cores, sob o arco do Ceu — azul e oiro, casadinhos — por onde passavam azas macias, numa caricia sem fim... Já não gemia o vento, nem era frio o Luar! A lama da calçada, ao passar d'aquella capa negra, onde os olhos da castanheira se iam captivos, parecia amassada de violetas que perfumavam os ares... Em torno do seu coração, condensava-se uma neblina de sonhos doces, adormecendo-a, matando-a de gôzo... — A's vezes, nos seus sonhos fugidios, ella sentia como um rebater de sinos e campainhas numa festa de noivado. Lá, ao fundo, via passar então a figura biblica d'um padre muito velhinho, fazendo um nó com as bandas da estola, no ar; e, sobre esse nó, espalmava a mão direita, com o geito solemne de quem vae abençoar, erguendo os olhos para o alto... E os sinos do campanario, *dling-dling*, alegremente, a tangerem a musica dos noivados... *dling-dling*, acordando os passaros por uma manhã de agosto...

«Meu amor é estudante,
Anda agora no latim!...»

E o enleio que ella sentia, ao vel-o assomar, lá acima, ao Arco-do-Castello, todo lindo, no seu penteado romantico! todo lindo, capa ao hombro, gôrro á banda!...

E elle vinha, enleiado tambem, sorriam, conversavam, diziam coisas simples que vinham do coração e que para lá tornavam... E nunca os frios do Outomno perturbaram o seu sorrir, e nunca o vento de novembro calou o som das suas palavras...

Mas a noite vinha, e elle então ia á sua vida, bamboando a capa, ás ondas, e a sorrir, a sorrir, em plena felicidade...

— «Quentes, senhor doutor...» —

*

Até que numa certa noite...

*

Estava no hospital a Maria do Rosario.

A tisica ia avançando, sem dar esperanças de cura áquella agonia lenta. E, só agora, nas visinhanças da Morte, é que parecia andar nos olhos d'ella um ar doce de alegria, o que quer que fosse de illusões que só elle tinha... — A's vezes, nos delirios, os seus olhos de tisica, velados, andavam pelas paredes da enfermaria, á cata de alguem que ella não via e que lhe faltava alli, á beira da sua soledade, para lhe dar o alivio dos ultimos instantes, talvez... E, ao achar vazia a sala, os seus olhos abriam-se muito, a desfazer-se em lagrimas que escaldavam da febre que havia lá dentro... E as suas mãos de freirinha, afuzeladas, fluctuavam pelas dobras do lençol, pelas rendas da travesseira, a confundir-se na sua brancura de linho... Havia palavras murmuradas a diluirem-se á flôr dos labios seccos que mal tinham força para as dizer... Mas sentia-se que lá dentro, apezar da febre que a consumia, deliquio-a-deliquio, o coração rebatia alegre, como nos seus velhos sonhos de namorada o repicar dos sinos nas festas do noivado... — E o mesmo padre velhinho, o mesmo nó da estola, a mesma mão espalmada em ar de benção... tudo lhe acordava lá por dentro, ao redor da alma que se ia a desprender a cada ai que lhe fugia!

Foram-se encovando os olhos e encovando as faces; subiu-lhe ao rosto, subitamente, a pallidez da morte... A alma já lá não estava; o coração cansou de bater... — Eram os sinos que se calavam ao fim da festa!

Quando a enfermeira lhe foi pôr as mãos em cruz, disse-me assim, beijando-as:

— «Frias, senhor doutor...» —

D. João da Camara

Setestrello

VILLANCETE

Setestrello em romaria,
Sete lumes d'um sacrario,
Quem te resa o teu rosario?

VOLTAS

Soube-te a Virgem Maria
Num seu cabello enfiar;
Quem hoje as póde resar
Contas de tanta valia?
Numa angelica harmonia
Vais seguindo o teu fadario...
Quem te resa o teu rosario?

Devem ser, de companhia,
O archanjo S. Gabriel
Junto com Santa Isabel;
São quem fez a Ave-Maria.
Pelo céu, todo alegria,
Em ditoso itinerario,
Vão resando o teu rosario.

(Inédito).

(Da *Cidade*).

AVELINO DANTAS

Negação

Tapado como porta. Inutilmente
Em cerebrais funções ha muito imerso,
Debalde busca a idêa reluzente
Para, talvez com arte, a pôr em verso.

Nada! O vasio mudo, indiferente
Envolve-o como a sombra ao Universo.
Quer, e a vontade torna-se impotente,
Retrái-se a inspiração; é-lhe adverso!

Esteril, ah! em vão cojita! Em vão
Pestanas queima em longo, atroz serão,
Debruçado nos livros instrutores.

Como semente em árido terreno,
Nada produz! Espirito pequeno,
Lança-lhe a Musa olkar's aterradores!

*

Incoerencia

Essa que passa agora de estadão
Já teve horror da vida ao proximo,
Já foi p'ra ela a esfera do lirismo
O que é p'ra o crente o enlevo da oração.

Era de ver-lhe a típica expressão!
Como exalava um puro idealismo!
Par'cia mergulhado em platonismo
O seu misterioso coração...

Mas — voltas dêste mundo! — certo dia,
Aquela que em jardins da poesia
As flôres mais belas com ardor cuidava,

Ditosa, alegre, embora incoerente,
Por amor... ao metal onipotente,
Casou com um burguês que detestava!

(Inéditos).

GUEDES TEIXEIRA

As Velas

Olhos pregados numa vela em frente,
Até a vêr completamente arder,
Eu estive, sentindo o que ella sente,
A apprender com ella a bem morrer.

Tenho no peito a mesma chamma ardente
Que a vela consumiu sem querer...
Tocae-me o coração: tambem é quente
Abri-o e os proprios cegos hão-de ver!

D'antes as velas, como azas abertas,
Não estavam ao pé da sepultura,
Iam pelo mar fóra, em descobertas...

Tudo mudou, variou a nossa sorte,
E assim, se nos levavam p'ra a ventura,
Accendem-se hoje para a nossa morte.

ALFREDO GUIMARÃES

Carta ao Manoel

Quando eu choro, choras commigo...
Tu nunca me has de abandonar.

ANTONIO NOBRE—*Só.*

.....
Calei-me... Quiz ouvir dentro de mim
Quem o teu nome alli dizia a sós;
Cerrei os olhos; vi p'ra dentro;... emfim!
Era o meu coração aquella vóz.

Eu, que te amava, presenti a Dôr
Que a ausencia, um dia envolveria em si
E moldei essa Pena ao meu Amôr
Que eu bem o sinto estar chorando aqui.

Duas Almas se ligam com ventura
Cinge-as o mesmo Amôr, a mesma Vida
E se uma desce á Terra—d'Amargura
Outra toma o caminho da descida.

Quentes no mesmo Amôr, no mesmo lume
Nossas almas agora á desgarrada,
Ao ver voar a tua num perfume
A minha quer voar a desgraçada.

Esta tarde d'inverno no poente
Tem o triste chorar das penas minhas;
Oiço dobrar minh'alma lentamente
Nas *Trindades* que dão nas Capuchinhas.

Toda a Terra tem somno e se concentra...
E ás estrêllas libertas pequeninas
Lembro o pesar, a livida tormenta
Das freiras presas moças e meninas.

Quando lá passo, á tarde, vou a entrar
Oiço-as gemer nuns canticos diversos
E imagino que assisto ao desfiar
Da musica chorosa dos teus versos.

E agora a noss'alma em romaria
Vai para a tua triste no rezar;
Minha Mãe diz baixinho: *Ave-Maria*...
E eu que não rezo fico-me a chorar.

E se é precico ver claramente
Testemunho leal dos meus escólhos,
Fallem pela minh'alma que não mente
As lagrimas calladas dos meus olhos.

Perguntas Manoel porque chorava:
E' que eu fui ver a tua campa só
E perguntando ao vento o que alli 'stava
O vento ergueu esta palavra: *Pó.*

Se a tua Alma, um dia, se vir triste
Vem para a minha, tem onde se acoite...

Olha o luar como vem frio, viste!...
Adeus Amôr, e muito boa noite...

ARTHUR DORIA

Coitadita!

Ao illustre litterato madrileno Lourenzo D'Ayot

Coitadita!—diazia-se no povoado, quando se lhe punha a vista em cima.

Era uma dôr d'alma, era. Franzininha como uma creança, erguendo-se como por milagre nuns pés ligeiros, de santa d'altar, olhares humidos de quem fixa a perda irremediavel, constantemente, os labios enrugados aos cantos naquelle seu continuado abrir de bôcca em ais dolorosos... Ao atravessar, leve como uma sombra, as ruas pedregulhentas, dir-se-ia avançar por sobre cortiça ou borracha ou então, erguida por azas invisiveis, nem sequer roçar o chão! Tambem, que peso o d'aquelle corpito golpeado de penas...

Nos dias de sol, tornavam-se-lhe transparentes as mãos finas, e as faces ficavam luminosas como se da fronte lhe descesse, esplendorosa, a luz d'um halo divino.

Ai! mas os olhos, aquelles olhos scismadores, sempre humidos, fixavam-se na gente, e a gente confessava que por outras regiões andavam: «São olhos do céo!» — explicava o povo.

A voz era um soluço. Quando a escutavam no pedir pão para a filhita, todos vibravam d'emoção como se fôra voz vinda da eterna Dôr que uiva, hydrophoba, por toda a parte. E davam pão, queijo, nata, davam tudo, como quem tem pressa de aviar a Desgraça.

Ella, tambem, dizia que a filha era de todos, pois que o seu sangue, o seu coração, o seu ser, emfim, lhe vinha d'aquella boa gente, prestes sempre á dadiva, ao beijo, á caricia...

**

Ella partira, forte e rosada, com as blandicias da esperança a encher-lhe a imaginativa de lindos sonhos. Não podia aturar o sol, nos campos, nem se atrevia com a enseada; a guarda do gado era feita pela pequenada,—unica coisa de que lançaria mão, se a ajustassem... Voltaria, tão depressa conquistasse o indispensavel para comprar um boccado de terreno, que grangearia, cantando, com o homem que Deus lhe désse.

Por lá andara, dando com patrões maus, uns que nem lhe mataram a fóme, todos com a objectiva do luxo, da riqueza apparente... Um filho familia acabou por fazer-lhe a derradeira esmola:—deshonrou-a!

Depois de ter o filho no hospital S. José,—esse sinistro casarão amarello que, pela côr, lembra cadeias, voltou á terra.

—Coitadita!... Mui ruim é por lá o ar das cidades!—exclamava o povo, vendo-a tão mudada e com uma creança nos braços.

A mãe desatou a fungar arrepellando-se toda: «Como tu vens! Se teu pae fôsse vivo, morria de paixão...»

A filhita, com o mau leite gerado na afflicção, não se desenvolvia, nem sequer tomava côres. Tambem não fôra concebida com o amor pleno, todo sol luminoso, todo febre, e viera para a luz no meio de receios constantes, quando o espirito andava desvairado como morcêgo vindo do escuro a subitos para a luz.

Geralmente, no povoado trata-se como a cadella ranhosa a rapariga que *cae*. A ella, porém, olhavam-na com piedade e, de junto com o pão, davam-lhe palavras amigas como a pobre engeitada, sem arrimo, sem alegrias.

Havia um bom rapaz que lhe perdoava: «... a filhita seria d'ambos». Ella não quiz. Queria ir até o fim, miseravel e só, a contas com o seu interminavel penar.

Um dia, a morte veio e levou-lhe a filhita. «Foi uma esmola, deixe lá...», murmuraram-lhe. Ella apertou-a ao peito nas vinte e quatro horas que a lei dá de liberdade ao cadaver.

Acompanhou-a ao cemiterio. Não chorava, mas os olhos tinham clarões bruscos. Era a febre sugando implacavel a vida a um corpo anemico, que mal se sustinha de pé. Quando a creança desappareceu na cova, encostou-se a duas mulheres para não cair. Levaram-na em braços e deram-lhe chá de flôr de laranjeira.

D'ahi a dois dias, ia para ao pé da filha, muito branca e chupada, no esquife commum que a igreja põe á disposição dos pobres.

O povo cobriu-a de lindas flôres campesinas; e soluçava, em côro, d'olhos rasos d'agua:

—Coitadita!

Para o occidente, o sol declinava lentamente em nuvens afogueadas.

EXPEDIENTE

Casos de força maior obrigaram-nos a demorar a publicação dos n.os 11 e 12 da *Ala-Moderna*, unicos que faltavam para completar o 1.º semestre de assignatura que a maior parte dos nossos presadissimos subscriptores haviam pago.

E como os casos acima referidos continuam ainda a obstar á sua regular publicação, resolvemos suspendel-a definitivamente, mesmo porque foram relativamente poucos aquelles que vieram em nosso auxilio para que esta revista vivesse desafogadamente.

*

A todos os nossos estimados subscriptores que nos coadjuvaram com o favor da sua assignatura aqui deixamos bem publico o nosso reconhecimento sincero e cordial. Aquelles que ainda não pagaram muito nos obsequeiam fazel-o com a possivel brevidade, facto que muito nos penhorará.

A EMPREZA.